

CNI estima crescimento econômico de 5,3% para 2007

Indústria de transformação lidera alta do PIB com expansão de 5,8%

RIVADAVIA SEVERO
BRASÍLIA

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) reviu para cima a sua previsão de crescimento econômico. A nova estimativa aponta para um incremento do Produto Interno Bruto (PIB) de 5,3% neste ano e de 5% no ano que vem. A previsão anterior da CNI, feita em setembro, era de que o PIB cresceria 4,7% em 2007. Desde 2004, a economia não cresce a taxa superior a 5% ao ano.

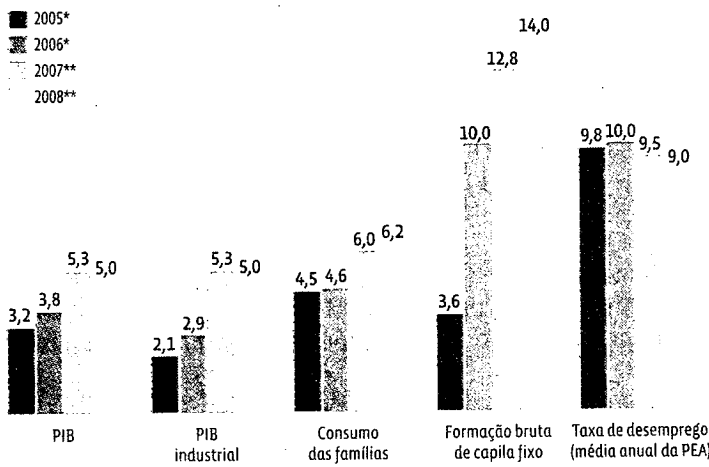
Mesmo com a previsão de um aumento do PIB duas vezes maior que a média dos últimos dez anos, os economistas da entidade dizem que o incremento acelerado de 2007 não representa a consolidação de um novo patamar de crescimento econômico. Para eles, falta aprimorar o ambiente de negócios para incentivar o investimento privado.

"Para crescer de forma sustentada, na casa dos 5% ao ano, depois de 2009, tem que aumentar a taxa de investimentos para garantir o retorno privado", sintetiza o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco. Ele disse que a falta de infra-estrutura, sobretudo no setor de energia, pode brecar a expansão econômica no longo prazo. Mas assegurou que no curto prazo, até 2009, as previsões são otimistas, mesmo com uma possível desaceleração da economia mundial, puxada pelos Estados Unidos.

A avaliação dos economistas da CNI é de que o crescimento

PERSPECTIVAS DA ECONOMIA BRASILEIRA 2007-2008

(Em %)



Fonte: CNI * Real ** Projeção

econômico de 2007 está sustentado pela indústria de transformação, que liderou o aumento do PIB com uma expansão de 5,8% no ano. Eles avaliam que os ganhos de 2007 são expressivos porque o PIB cresce com inflação controlada, com melhor distribuição de renda, com o mercado de trabalho propiciando aumento do emprego formal, com recuo dos juros reais e com ampliação das reservas internacionais do País.

Outra característica do crescimento econômico destacado pela CNI é que está sustentado pelo mercado interno. O consumo das famílias, consumo do governo e a formação bruta de capital fixo (FBCF) são os principais indutores do crescimento econômico.

Os economistas explicam que o aumento da massa salarial que na indústria cresce 5% está estimulando o consumo das famílias, que deve crescer 6% em 2007. Assim como o aumento da transfe-

rência de renda do governo para a população em programas como o Bolsa-Família que aumentou 9,5% em termos reais, nos dez primeiros meses de 2007, com relação ao mesmo período de 2006 e a queda da taxa real de juros que aproxima-se de 7% ao ano, a menor da década.

Indústria forte

A indústria também acelera a sua produção. A utilização da capacidade instalada do setor atingiu os 82%, um patamar alto mas que não preocupa os economistas. Segundo Castelo Branco estão ocorrendo novos investimentos na expansão do parque fabril, fato demonstrado pelo crescimento de 17,6% do setor de máquinas e equipamentos, nos dez primeiros meses do ano, quando comparado com igual período de 2006, o que serve como fator tranquilizador para um eventual surto inflacionário. "Isso sinaliza que não vão

faltar produtos industriais", diz o economista.

O presidente da CNI, deputado Armando Monteiro Neto, comemorou o fato de o crescimento econômico ser puxado pela indústria de transformação e o aumento das importações não ter causado deslocamento de empresas nacionais, nem perda do produto industrial. "Na indústria o maior volume de importações ajudou a reestruturar o parque fabril". Monteiro Neto disse, também, que a não renovação da CPMF não vai travar a implantação da nova política industrial que já vem sendo discutida há três anos. "Simplesmente vai atrasar um pouco mais". E acrescentou que o governo terá que fazer alguns cortes no Orçamento sem prejudicar o superávit primário.

Desaceleração

Quando à redução do crescimento da economia previsto para o ano que vem, em relação a 2007, o economista da CNI, Paulo Mol, disse que a queda estimada de 5,3% para 5% se deve à base de comparação alta que 2007 deverá apresentar. Nos anos anteriores, o crescimento foi menor. Em 2006, o PIB aumentou 3,8% e em 2005 o incremento foi de 3,2%.

Mas nem tudo são notícias positivas. Como alerta de possíveis gargalos no futuro, os economistas identificam a valorização da taxa de câmbio, que prejudica as exportações, a carga tributária elevada, a falta de infra-estrutura, principalmente na área energética, e o ambiente de negócios que precisa reduzir a burocracia e aperfeiçoar marcos regulatórios.